

**NOVO**

11-06-2021

Periodicidade: **Semanal**

Classe: **Informação Geral**

Âmbito: **Nacional**

Página(s): **1,20,21**

**JUSTIÇA**

**P.20**

---

Empresa suspeita  
de pertencer a  
Álvaro Sobrinho  
levantou 30  
milhões num dia

JUSTIÇA

# Empresa-mistério que teve créditos do BESA levantou 30 milhões num dia

O "levantamento em numerário" de 30 milhões de dólares ocorreu em Janeiro de 2012 numa conta da Vaningo. No final desse ano, a empresa recebeu empréstimos de 70 milhões. Ministério Público investiga se Vaningo é de Álvaro Sobrinho ou uma sociedade instrumental usada pelo GES

Silvia Caneco  
silvia.caneco@novojapaneuws.pt

**A** Vaningo-Invest e Participações, com sede em Luanda, tinha quase 31 milhões de dólares numa conta do BESA Angola (BESA) quando, a 27 de Janeiro de 2012, foi feito um "levantamento em numerário" de 30 milhões de dólares (o equivalente a 24,6 milhões de euros, à taxa de câmbio actual), reduzindo o saldo a menos de 1 milhão.

O extracto bancário desta conta-corrente no BESA, ao qual o NOVO teve acesso, está entre as centenas de documentos que a procuradora Rita Madeira, do Departamento Central de Investigação e Acção Penal (DCIAP), está a investigar no processo em que Álvaro Sobrinho é suspeito de burla, falsificação e branqueamento de capitais. O matemático é suspeito de ter desviado milhões do BESA Angola, do qual foi presidente, e de ter branqueado esse dinheiro na compra de apartamentos e outros activos em Portugal.

Até ao momento, como o NOVO revelou na edição de 21 de Maio, documentos guardados na Suíça já permitiram concluir que mais de 260 milhões de euros com origem em duas contas do BESA (domiciliadas no BES em Lisboa) terão saído directamente para 15 sociedades registadas no Luxemburgo e em paraísos fiscais como o Panamá, as Ilhas Seicheles e as

Ilhas Virgens Britânicas. E que todas elas tinham um denominador comum: o seu beneficiário efectivo seria Álvaro Sobrinho, que não respondeu às tentativas de contacto do NOVO.

Dessa lista constam sociedades *offshore* como a Oracom, a Newbrook International, a Pinewind Overseas ou a Ulys Enterprises. Mas a Vaningo, não. O verdadeiro beneficiário dessa sociedade de direito angolano ainda está por decifrar, sabendo-se apenas que esta é uma das cinco misteriosas empresas que terão recebido créditos do BESA no valor de 1624 milhões de dólares, sem garantias reais e sem que os seus verdadeiros donos fossem conhecidos. Recorde-se que terão sido esses créditos em incumprimento a levar o Estado angolano a emitir uma garantia soberana de 5700 milhões de dólares, revogada unilateralmente por Angola em Agosto de 2014, logo depois da queda do BES.

A Vaningo, a Sociedade - Sociedade de Desenvolvimento de Angola, a Govest Empreendimentos, a Saimo e a Cross Fund são as cinco sociedades que vieram à tona em Outubro de 2013, na célebre assembleia-geral em que Álvaro Sobrinho foi confrontado pelos acionistas do BESA Angola e pelo seu sucessor, Rui Guerra, que as identificou como "empresas desconhecidas" ou "empresas sem qualquer capacidade financeira para beneficiarem destas quantias".

O homem que substituiu Sobrinho na liderança do BESA revelou ainda que 525 milhões que deram entrada nas contas destas empresas ter-se-ão dissipado entre levantamentos em numerário e posteriores depósitos noutras contas bancárias e disse ter indícios de que estas transacções terão beneficiado Sobrinho e outros membros da sua família.

O verdadeiro beneficiário de uma destas cinco sociedades já

Além da Vaningo, quatro empresas terão recebido créditos de milhões do BESA. Sobrinho confessou a gestora da UBS ser dono de uma delas, a Govest

terá sido revelado: documentos bancários enviados pelo Ministério Público de Lausana ao DCIAP mostram que Sobrinho confessou a uma gestora de conta da UBS, em Março de 2010, ser o verdadeiro proprietário da Govest.

Quanto às restantes, o verdadeiro dono ainda está por confirmar. Embora o Ministério Público já tenha centenas de documentos em sua posse, e alguns tragam revelações, ainda há dúvidas sobre se eram efectivamente de Sobrinho ou se eram "sociedades instrumentais usadas pelo Grupo Espírito Santo", como argumentou o ex-presidente do BESA numa entrevista à Visão, em 2019.

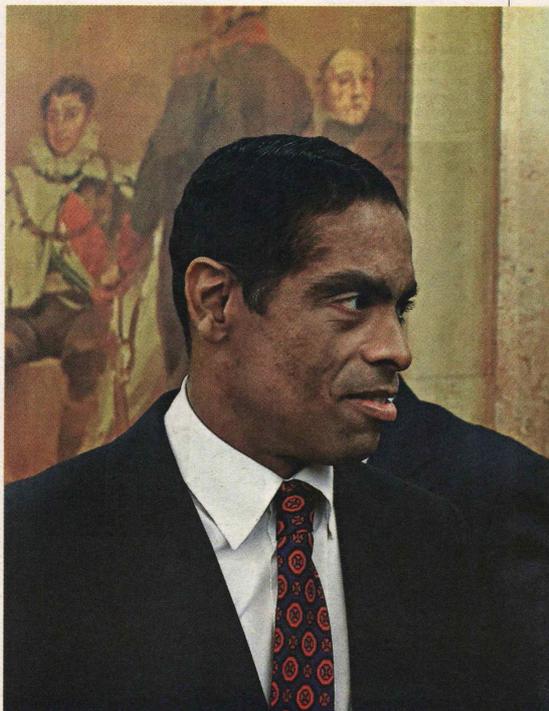
É que, de acordo com uma auditoria da KPMG às contas da Espírito Santo Internacional (empresa do GES), a Vaningo terá comprado por uns simbólicos três euros outra empresa chamada Legacy, que por sua vez teria sido usada para ficar com os activos "maus" da ESCOM, no âmbito do negócio

**Sobrinho sempre negou publicamente ser dono de cinco empresas que tiveram empréstimos do BESA**

da venda desta empresa à Sonangol, contratualizado em 2010 mas nunca concretizado. Essas transacções levantaram suspeitas de que estas empresas estariam a ser utilizadas para esconder buracos do Grupo Espírito Santo.

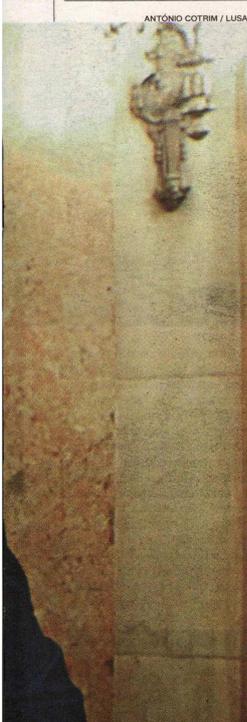
**Empréstimos de 70 milhões**

Voltando à conta da Vaningo no BESA, depois do milionário "levantamento em numerário" - que o Ministério Público suspeita ser apenas um movimento para dispersar fundos para outras contas e dificultar a descoberta do circuito do dinheiro -, entre despesas de manutenção e impostos sobre



<p><b>NOVO</b></p> <p>11-06-2021</p>	<p>Periodicidade: <b>Semanal</b></p> <p>Classe: <b>Informação Geral</b></p> <p>Âmbito: <b>Nacional</b></p> <p>Pagina(s): <b>1,20,21</b></p>
--------------------------------------	---

ANTÓNIO COTRIM / LUSA



**Números**

**273**

A Comissão Liquidatária do BES pede uma indemnização de 273 milhões de euros ao BNA, o equivalente ao que perdeu no BESA

**260**

260 milhões. É esse o montante que terá saído de duas contas do BESA para 15 *offshores* já identificadas como sendo de Alvaro Sobrinho

**70**

Depois de um levantamento em numerário de 30 milhões de dólares, entraram na conta da Vaningo empréstimos de 70 milhões. Tudo em 2012

comissões, a conta ficaria com saldo negativo até ser recheada com dois novos movimentos: um de 70 milhões de dólares descrito como "empréstimos", a 1 de Novembro de 2012, e uma "transferência interna" de 3,8 milhões de dólares feita no mesmo dia.

Seguiram-se transferências para um fundo de investimento "BESA Património" e para "BESA Opções de Reforma": mais de 2 milhões de dólares tiveram este destino.

O documento bancário ainda descreve uma insólita transferência de 2 dólares para Dália Celeste Tata Medina Pereira, que viria a ser administradora executiva do Banco Valor de acordo com o relatório e contas de 2016.

A data, o banco era presidido por João Moita, ex-quadro do BES, e Sobrinho era o principal accionista, com 35,46%. Dois outros donos eram Emanuel Madaleno, irmão de Sobrinho, e Rui Miguéns, vice-governador do Banco Nacional de Angola.